

## O NOVO CORONAVÍRUS, NO BRASIL, É DEMOCRÁTICO?

### O LUGAR DO DEBATE RACIAL NA CONJUNTURA PANDÊMICA.

Rosineide Freitas

Professora Assistente da UERJ

Chegamos há pouco mais de três meses de estado pandêmico, de calamidade pública, e temos vários elementos para a reflexão sobre em que medida, no Brasil, a Covid-19 vitimiza e é combatida. Não há como descolar a reflexão político-ideológica do enfrentamento à pandemia nas diferentes esferas do poder institucional, e neste sentido quero aqui destacar a questão racial como dimensão central de análise. Destaco que as reflexões aqui registradas têm com base maior o olhar sobre a realidade fluminense, não só sobre as políticas de enfrentamento do governo do Estado do Rio de Janeiro, mas sobre a trajetória da Covid-19.

Começamos o ano de 2020 com notícias, ainda dispersas e vindas do continente asiático, sobre a nova doença causada pelo novo coronavírus-22. Na segunda quinzena de fevereiro já havia prenúncios de como teríamos de enfrentar, para além do que vinha de uma nova doença altamente contagiosa e desconhecida, a lógica genocida e tirana do governo federal. Quando o processo de repatriação de brasileiras/os que estavam em Wuhan passou por rusgas internacionais e brasileiras/os nos países da América do sul não recebiam, sequer, mensagens das embaixadas brasileiras, o cenário de caos político estava instaurado. Os primeiros casos da covid-19 em solo nacional foram registrados em São Paulo e depois no Rio de Janeiro, Estados que se tornariam epicentros da pandemia pouco mais de um mês depois. A primeira campanha nacional com orientações de cuidados sanitários foi divulgada no final do mesmo mês. Em 11 de março a Organização Mundial de Saúde reconheceu que se trataria de uma pandemia e cinco dias depois no mesmo Estado com o registro de primeiros infectados, há a confirmação de transmissão comunitária, ou seja, entrávamos no processo de avanço da pandemia e no fatal descontrole de contágio. No dia seguinte foram registradas as primeiras mortes por covid-19: um homem de 62 anos com comorbidades (hoje marcadamente reconhecidas como marcador de risco), em São Paulo; e uma mulher de 63 anos, empregada doméstica, negra, no Rio de Janeiro (contaminada em serviço)<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> <https://www.sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil>

Este último caso guarda as características que queremos ressaltar nas reflexões sobre a pandemia no Brasil, contágio generalizado, evitáveis por medidas políticas de enfrentamento e proteção social, mas com letalidade associada a marcadores sociais históricos de desigualdades e exclusão (classe, raça).

Ao mesmo tempo em que nos acostumamos a acompanhar diariamente o avanço desesperador da pandemia no Brasil, em especial na região sudeste, igualmente desesperadoras eram as notícias vindas de Brasília, que não deixavam dúvidas sobre a incompetência e descaso criminoso do governo: “é só uma gripezinha”, “temos que salvar a economia”, “garantir o direito de ir e vir das pessoas”, e sobre a centralidade da pauta econômica neoliberal/privatista do governo e do seu caráter racista, patriarcal e genocida. O discurso de ódio, a lógica déspota de orientar as ações políticas tal com se estivesse no espaço privado e doentio da sua casa, e de governar em prol da sua própria família e amigos, com associação ao poder paralelo e paramilitar das terras cariocas, têm disputado as manchetes de jornal com a crise sanitária nacional e mundial. Estamos sob um governo neofacista, entreguista, que expressa as elites nacionais históricas, as de lógica escravocrata e colonialista. E que ao mesmo tempo arrebanha uma classe média de igual lógica.

Depois de três meses de avanço da pandemia em terras *brasilis*, chegamos a marca de segundo no mundo<sup>2</sup> em número de casos: 1.118.631 pessoas infectadas, 42.725 novos casos em 24 horas; 53.830 pessoas vencidas pela Covid-19 e 1.185 óbitos em 24 horas<sup>3</sup>. Passamos pela marca de uma morte registrada a cada 23 minutos no ápice da pandemia. Com dimensões continentais e disparidades socioeconômicas igualmente gigantes vemos a doença avançando para o interior dos Estados e do Brasil. Se olharmos com atenção para os números dos Estados que foram mais atingidos, até a data desta publicação, constatamos que os números de óbitos são maiores nas periferias e favelas. Quero aqui destacar a situação do Estado do Rio de Janeiro, direcionando a lupa analítica para o caso da capital, pela proximidade de atuação profissional, militante e histórica.

Numa das regiões brasileiras de maior densidade demográfica, o Estado do Rio de Janeiro está em 3º lugar em números de habitantes e segundo em IDH e também em

---

<sup>2</sup> <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53155754>

<sup>3</sup> <https://covid.saude.gov.br/> Números atualizados em 24/06/2020, às 18:20h

número de casos e óbitos causados pela pandemia. Com problemas em números de testagens para covid-19 e na política pública de saúde para o enfrentamento à pandemia, o Estado chegou a 103.493 casos confirmados e 9.295 óbitos<sup>4</sup>. Das 92 cidades a capital concentra os maiores números de casos confirmados e óbitos: 53.307 infectadas/os (51,5% do total registrado em todo Estado) e 6.087 (65,5% relativo ao Estado) de pessoas vencidas pelo novo coronavírus<sup>5</sup>. Se continuarmos a olhar para os dados, em função das áreas da cidade, chegamos a seguinte afirmação: há mais pessoas morrendo nas periferias e favelas. Tomando como base comparativa as perdas para covid-19 (óbitos) nos três bairros com maior incidência temos<sup>6</sup>: Campo Grande (Zona Oeste da Cidade - ZO); Bangu (ZO); Copacabana (Zona Sul). Sobre os casos confirmados, segundo os dados oficiais da prefeitura do Rio: Copacabana (velho conhecido nacional); Barra da Tijuca (área emergente da ZO); Campo grande. O bairro de Bangu, que apareceu em segundo nos casos de mortes está em 5º relativo a este dado. Quero apresentar os dados dos casos recuperados, que podem ser associados ao acesso à saúde, temos: Barra da Tijuca; Copacabana; Tijuca (bairro tradicional da Zona Norte). Este último, relativo aos dados de óbitos e casos estava em 6º<sup>7</sup> e 4º, respectivamente). Campo Grande, que registra mais perdas, estava em 4º e Bangu, o segundo em perdas pra covid, em 5º<sup>8</sup>. Cabe aqui destacar que não há nesta apresentação os números absolutos de casos confirmados e óbitos porque o prefeito do Rio tomou como método de “transparência” sobre a pandemia na cidade subtrair os números da página oficial ([Painel Rio Covid](#)), e usar uma nova metodologia de registro dos óbitos que fizeram os dados diminuírem vertiginosamente. Sem incorrer no erro político, me soma às análises de que esta foi uma estratégia deliberada e criminosa para apresentar a política de flexibilização do isolamento social, reabrindo o comércio, igrejas e shoppings, impondo apenas as chamadas *regras de ouro*<sup>9</sup>. Deliberada porque ignorou todas as orientações científicas das universidades públicas do Estado que indicavam ser cedo para a

---

<sup>4</sup> <https://coronavirus.rj.gov.br/boletim/boletim-coronavirus-24-06-9-295-obitos-e-103-493-casos-confirmados-no-rj/>

<sup>5</sup> <https://coronavirus.rj.gov.br/boletim/boletim-coronavirus-24-06-9-295-obitos-e-103-493-casos-confirmados-no-rj/>

<sup>6</sup> Apresento os bairros em ordem decrescente em função dos números absolutos, seguindo a ordem apresentada pela página oficial da prefeitura do Rio de Janeiro.

<sup>7</sup> Como curiosidade (orientada pela autora) os bairros que estão em 4º e 5º em óbitos são: Realengo e Santa Cruz, respectivamente, ambos bairros da Zona Oeste da Cidade.

<sup>8</sup> <https://experience.arcgis.com/experience/38efc69787a346959c931568bd9e2cc4>

<sup>9</sup> <https://prefeitura.rio/cidade/prefeitura-autoriza-shoppings-a-reabrirem-a-partir-desta-quinta-feira-11-06-entre-12h-e-20h/>

reflexibilização desta monta e criminosa também por este motivo, na medida em que se assumiu o risco de forma consciente. Sendo necessária a maquiagem pública dos números sobre a pandemia na cidade e um olhar superficial sobre as taxas de ocupação dos leitos para covid-19.

Para melhor entender o que pretendo com o registro cuidadoso dos dados até aqui condensados é preciso caracterizar, de forma sucinta, as áreas da “Cidade Maravilhosa” que se tornaram foco para a reflexão. A Zona Oeste representa a periferia da cidade, no sentido mesmo de ser a área metropolitana de concentração das desigualdades e vulnerabilidades sociais tão marcantes para as grandes capitais do Brasil. Pelo nossa experiência recente escravocrata, colonial, de lógica desenvolvimentista liberal terceiro-mundista, é habitada majoritariamente pela classe trabalhadora, e exatamente por isso, de territórios pretos.<sup>10</sup> Como toda periferia de grande cidade experimenta, historicamente, o acesso precário às políticas públicas sociais. Habitam bolsões de pobreza e extrema pobreza com pequenos oásis de uma classe média emergente de consumo (Barra da Tijuca). Como toda boa periferia é celeiro histórico de lutadoras e lutadores do povo e solo frutífero para a cultura popular. Em especial o bairro com mais casos de morte por Covid-19 na Cidade do Rio de Janeiro, encontra-se nesta área da Cidade e, por ser o bairro mais populoso (328.370 pessoas pelo senso de 2010 do IBGE<sup>11</sup>) expressa um micro cosmo dos extremos socioeconômicos e políticos da Cidade.

Ainda que especialistas ressalvem que as taxas de letalidade sofram impactos de distorção relativamente ao índice ainda aquém de testas para a covid-19 no Rio de Janeiro, é revoltando os extremos que já se pôde registrar numa comparação entre alguns bairros da Zona Oeste no que se refere aos percentuais. No início de maio, quando ainda tínhamos acessos aos números absolutos pelo site oficial da prefeitura, a Barra da Tijuca tinha uma taxa de letalidade para covid-19 de 8%. Campo Grande, o primeiro em números de óbitos desde esta data até a elaboração deste texto, acumulava uma taxa de 15% de letalidade. Quero chamar a atenção para o bairro de Santa Cruz que, em 6 de maio, registrava uma taxa de letalidade de 24%. Ainda que estes dados

---

<sup>10</sup> Propositadamente, numa reflexão que combate o mito da democracia racial, lê-se com esta afirmação territórios em que há maioria de pessoas que se autodeclaram negras. Campo Grande – 66%; Bangu – 63,1%; Realengo – 57,4%; Barra da Tijuca – 11,7%; Santa Cruz – 65,7% -

<https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/3175#resultado>

<sup>11</sup> <https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/3175>

sofram variação por conta da baixa testagem (se tivéssemos mais casos registrados a relação Casos X óbitos seria menor), não e pode negar a discrepância entre os territórios. E passado mais de um mês deste consolidado são os bairros da Zona Oeste da cidade que se mantem com maior índice de mortes (Campo Grande e Realengo), territórios de maioria negra. Se no mundo um dos marcadores que mais foi identificado como letal para a covid-19 foi a idade, no Brasil é o CEP – Código de Endereçamento Postal.

Tive o trabalho de sistematizar de forma sucinta e orientada alguns dos dados da pandemia no Brasil, e em especial no Rio de Janeiro, para apontar que a pandemia tem atingido com mais força as periferias e favelas das grandes capitais. Ainda que os governos não atendam a orientação de registrar o marcador cor nos registros feitos para acompanhar e informar sobre a pandemia no Brasil, a sua incidência fala por si só. São em territórios pretos onde as perdas são mais elevadas. Esta afirmação não se deve apenas por ser territórios, em sua maioria, de maior densidade demográfica, mas por terem menos condições de atender às orientações sanitárias de enfrentamento à covid-19 e por terem menos acesso à saúde pública de qualidade. O governo estadual do Rio de Janeiro responde por suspeita de desvio de verbas nas compras de respiradores e dos 11 hospitais de campanha prometidos, apenas dois estão em funcionamento. Na capital este equipamento de saúde está localizado no bairro do Maracanã, na Zona Norte, área da cidade pouco citada nos trechos acima em que tracei o caminho do avanço da pandemia pelas terras cariocas. Opta-se por garantir acesso a grupos que já contam com acesso, e descobre-se grupos que objetivamente estão em maior exposição neste momento de crise sanitária. A prefeitura do Rio construiu um hospital de campanha num dos territórios da Zona Oeste, no bairro da Barra da Tijuca, aquele mesmo com um número elevado de casos, de casos recuperados, e com baixa taxa de letalidade. É preciso salientar que estes números não devem ser associados apenas ao fato de contar com uma unidade hospital exclusiva para covid-19, mas pelas características socioeconômicas do bairro, a exemplo, de ter o maior IDH da região (0,926).

O marcador cor está associado e acaba por determinar as condições de acesso à políticas públicas, à moradia, à equipamentos culturais, à equipamentos e lazer, à riqueza produzida, em sua maioria, por estas próprias pessoas a partir do seu trabalho. A democracia que nos conduziu até aqui, digo isso porque novamente está sendo atacada, sempre conviveu com o cenário de extrema exclusão, concentração de riqueza, não

acesso. Convive com o genocídio do povo preto<sup>12</sup> desde o seu nascedouro, seja pela mão do crime, seja pela mão do Estado. Jovens pretos e mulheres pretas são os que mais morrem no Brasil. O *Atlas da Violência* de 2019 identificou que 75,5% das vítimas de homicídio no Brasil foram negras. Há que se destacar que os casos de homicídios cometidos contra mulheres negras, em números absolutos, aumentou 35 vezes mais se comparado aos casos cometidos contra mulheres não negras (60,5% e 1,7% respectivamente)<sup>13</sup>. A ideia da construção das raças, de hierarquização entre elas, a tragédia mundializada da escravidão, a dominação colonial foram determinantes para o desenvolvimento do capitalismo e exatamente por isso o racismo é estruturante. O professor Sílvio Almeida, a partir de outras/os intelectuais, nos apresenta este conceito, qualificando esta relação

“Raça e racismo são produtos do intercâmbio e do fluxo internacional de pessoas, de mercadorias e de ideias, o que engloba, necessariamente uma dimensão afro-diaspórica. Assim, o que chamamos de *modernidade* não se esgota na racionalidade iluminista europeia, no Estado impessoal e nas trocas mercantis; a modernidade é composta pelo tráfico, pela escravidão, pelo colonialismo, pelas ideias racistas, mas também pelas práticas de resistência e pelas ideias antirracistas formuladas por intelectuais negros e indígenas.” (ALMEIDA, 2018, p.80).

Mais adiante completa falando diretamente da relação do racismo e a constituição do mundo do trabalho capitalista

“A divisão racial do trabalho pode ser ainda amplamente constatada nas sociedades contemporâneas, pois mesmo em países onde o racismo não é abertamente praticado pelo Estado ou em que há leis antirracistas,

---

<sup>12</sup> <https://www.geledes.org.br/quanto-sangue-derramado-o-genocidio-do-povo-negro/>  
<https://www.almapreta.com/editorias/realidade/existe-genocidio-negro-no-brasil>  
<https://anovademocracia.com.br/no-159/6150-o-genocidio-do-povo-preto-existe-e-e-consequencia-do-genocidio-do-povo-pobre>  
<https://mst.org.br/2018/05/18/brasil-um-pais-marcado-pelo-genocidio-da-sua-populacao-negra-pobre-e-periferica/>  
[http://blogueirasnegras.org/8207689753\\_71964520e8\\_o/](http://blogueirasnegras.org/8207689753_71964520e8_o/)  
<https://movimentorevista.com.br/2019/07/genocidio-da-populacao-negra-no-brasil-um-debate-acerca-das-tarefas-de-organizacao/>

<sup>13</sup>

[https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio\\_institucional/190605\\_atlas\\_da\\_violencia\\_2019.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf)

indivíduos pertencentes a grupos minoritários recebem salários menores e estão mais expostos a trabalhos insalubres ou precarizados. (...) o racismo foi e continua sendo elemento constitutivo da nacionalidade brasileira. Demonstra isso o fato de que o chamado pensamento social brasileiro, paradoxalmente pouco estado no Brasil, faz da questão da raça um tema essencial.” (ALMEIDA, 2018, p. 81) .

O mito da democracia racial conformou o pensamento brasileiro e nos fez conviver, não sem muitos enfrentamentos e pequenas vitórias, há décadas de genocídio, apagamento epistemológico, concentração de riqueza e de pobreza. O racismo estrutura, então, as relações econômicas, político-institucionais e no campo das relações sociais e interpessoais o que temos, por vezes, é um *eufemismo racista* (BOTELHO, 2020)<sup>14</sup>, no sentido mesmo da supremacia branca ser suavizada ou minimizada pelo peso conotador de outras palavras. Com muito bem nos convoca a pensar Grada Kilomba (2019) “o colonialismo é uma ferida que nunca foi tratada. Uma ferida que dói sempre, por vezes infecta, e outras vezes sangra.”

Na tentativa de responder a pergunta enunciada no título desta escrita afirmo que, a partir da leitura responsável, posicionada histórica e politicamente, a democracia burguesa se expressa no avanço da pandemia no Brasil, na medida em que o que registrei neste texto pode ser constatado nas demais capitais de todo o território nacional. Assim a pandemia, no Brasil, é democrática!

Se se identifica que a covid-19 é mais letal nos territórios pretos, e que há sucesso na relação entre contágio e recuperação em territórios de maioria branca, a pandemia segue matando tal qual a condição de democracia permite. Assim a pandemia no Brasil segue a lógica da democracia burguesa que convive e produz a morte de pretos e pobres e se apresenta com mãos de ferro e ausência de políticas públicas de assistência social e reparação nos territórios periféricos.

Por fim quero registrar que são as mulheres pretas as que experimentam com maior peso a interseção entre as opressões de raça, gênero e classe (DAVIS, 2016; AKOTIRENE, 2018), e por isso mesmo, são as que mais sofreram as consequências do

---

<sup>14</sup> Ouvi esta expressão num grupo de estudos que a pandemia me trouxe para lermos coletivamente escritas/os pretas/os. Foi de autoria da professora e colega Michele Botelho, docente do Colégio Pedro II, uma intelectual preta do nosso tempo e convívio.

trato irresponsável e criminoso do Estado Brasileiro nesta crise sanitária. Talvez não sejam as que mais vão morrer pela covid-19 mas serão, sem dúvidas, as que arcarão com as mortes e sentirão o peso do desemprego, do emprobecimento, do projeto classista e racista da Educação à Distância (EaD) no ensino público. Por isso afirmo, não apenas como uma mulher preta, periférica, trabalhadora e mãe solo, mas como uma professora, sindicalista e militante popular, a revolução será feminina e preta, ou não será!

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação:** episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.